

| Coluna

3 X 4 DE PEREGRINO JÚNIOR

Por Franklin Jorge

SEGUNDO NORTE-RIO-GRANDENSE A ocupar uma cadeira e o único, até o momento, a presidência da Academia Brasileira de Letras, Peregrino Júnior produziu uma obra literária original e viva, que, apesar de todas as suas qualidades formais e estilísticas, parece relegada ao limbo do esquecimento.

Inspirado nos anos em que viveu em Belém, depois de ter vivido em Natal e no Ceará-Mirim, é sem questionamento um dos principais escritores da Amazônia, que observou e transcreveu com originalidade rara, atribuindo uma dimensão especial e particular ao regionalismo dominante, quando apareceu em livro.

Talvez o tenha prejudicado o fato de ter sido, em sua mocidade, signatário de uma coluna social, em *O Jornal*, embora isso não passe de mero acidente em sua relação com a escrita, que nele é de grande intensidade e não menor eficácia e correção exemplares. Sim, em sua mocidade, foi Peregrino Júnior um homem dedicado ao mundanismo, brilhando nos salões do Rio, inclusive por seus belos olhos verdes e sua imponente figura de homem elegante e de uma finesse inexcedível, mesmo quando se dedicava, com um talento especial, a esfolar as pessoas, deixando-lhes a reputação em carne viva.

Foi um homem que viveu muito e, na condição de médico – reconhecidamente por seus colegas e pacientes um grande médico em sua especialidade –, conhecia as fraquezas humanas. Teve o privilégio de conviver na intimidade com os grandes nomes das letras e das artes do país durante mais de cinquenta anos, sendo o clínico oficioso de todos os artistas de sua época, razão pela qual seu escritório de Diretor da Policlínica do Rio de Janeiro vivia cheio, especialmente de escritores e de pintores.

Sua grande terapia, no entanto, era a conversa que exercia como uma arte digna de Baudelaire, Proust e o nosso Cascudo. Uma arte evocativa e cheia de verve, repassada ao mesmo tempo de uma crueza que me levava a pensar em Molly, personagem de Joyce, que

eu lia então, capaz de lidar com problemas morais tal como o açougueiro lida com uma carcaça. Adorava ouvi-lo e, frequentemente, ia visitá-lo, entre as dez e o meio-dia, em seu gabinete decorado com obras pintadas por Portinari, Di Cavalcanti, Ismael Nery, Ismailovitch, Bruno Giorgi, Ceschiati, Guignard, Maria Helena Vieira, Arpad Szénes, entre outros não menos notáveis artistas brasileiros e estrangeiros, muitos deles refugiados de guerra.

Dele ouvi histórias curiosíssimas, como a dois artistas plásticos que disputaram a mesma mulher. Refugiados de guerra, tornaram-se ambos brasileiros e produziram grande parte de sua obra aqui, um dos quais adquirindo inclusive grande prestígio como escultor convocado por diversos governos a criar obras que embelezaram São Paulo e Brasília e outras importantes e ricas cidades do Sul e Sudeste.

Um deles roubou a mulher do outro e a levou para sua casa. Depois de algum tempo o ex-marido a recuperou e viveram em paz por algum tempo, até que ocorreu novo seqüestro, o que teria se repetido algumas vezes. Finalmente, o escultor abonado adquiriu um grande imóvel e mandou construir uma cama surubinal, como diria Jorge Amado e em seguida foi parlamentar com o marido da amada que voltara a viver com o esposo legal. Propôs-lhe um acordo: como ambos amavam a mesma mulher e dela não abririam mão, achava justo que vivessem os três juntos e para isto mandara fazer aquela cama que acolheria bem o triângulo quer, aliás, só se desfez com a morte muito depois de um dos artistas...

Sentados em confortáveis cadeiras de couro inglês, tacheadas de bronze, entre escritores e artistas, todos muito velhos e muito célebres, ouvia-o com atenção e interesse adolescentes sobre os bastidores do gênio e os subterrâneos da política que ele conhecia a fundo e sem reservas.

Certa vez, a propósito de uma notícia sobre a suspensão de uma interdição contra Luis Carlos Prestes, aproveitei para interrogá-lo sobre os comunistas e ele nos disse à queima-roupa que perfaziam um gueto de gente de origem muito pobre à procura de emprego, se possível, de uma boa sinecura que lhes permitisse flunar por aí, como grandes senhores que seriam por índole e vocação.

Rebati-lhe, num impulso juvenil. Você é muito moço..., disse com um certo pesar, abraçando-me. Não, não. Os comunistas, como muitos outros, querem apenas se dar bem, com exceção daqueles, certamente ingênuos a que os próprios comunistas chamariam de “inocentes úteis”, como Portinari, por exemplo, que, como Prestes e Giocondo, acreditavam

no comunismo. Os demais são aproveitadores. Querem apenas uma boa aposentadoria e vilegiaturas.

Peregrino contou-me uma história que muito nos divertiu. Certa noite, muito tarde da noite, foi acordado por um amigo, militante contra a ditadura de Vargas, para pedir-lhe ajudar em favor de um companheiro de proselitismo de esquerda. Não conhecia nenhum outro médico e por isso o procurava para, por seu intermédio, conseguir que um odontólogo fosse tratar de um dente infeccionado do amigo que não podia aparecer porque a polícia política estava no seu encalço, pega não pega. Peregrino, muito relacionado e gozando de prestígio inclusive no círculo do ditador, conseguiu levar um profissional para cuidar do caso.

Depois de longo trajeto no qual o carro pareceu andar em círculos, para despistar os cães da ditadura, chegaram finalmente a um distante subúrbio onde, deitado sobre jornais, o rosto completamente desfigurado, gemia um homem. O dente foi extraído ali mesmo, sem muito recurso. O sangue espirrou. E o paciente, ao vê-lo, soltou um berro de aterrorizado e desmaiou, ficando por algum tempo desacordado...

Curioso é que Peregrino se lembrava de ter assistido, por acaso, em diversos comícios na Cinelândia, o sujeito vociferando em cima de um caixote, conclamando o povo à luta armada. Seu refrão era: “Falta sangue à revolução. Sem derramamento de sangue não mudaremos o Brasil... Sangue, precisamos derramar sangue para a salvação do Brasil...”

E, em mangas de camisa de fina cambraia sobre uma camiseta de malha brancas, dando uma daquelas suas risadas gostosas que o caracterizava, respondia Peregrino Júnior à minha curiosidade com uma nova pergunta: Como acreditar neles?

FRANKLIN JORGE (Rio Grande do Norte) - Escritor e Jornalista. Vencedor do Premio *Luis Câmara Cascudo* em 1998, com o Livro: *Ficções Fricções Africções* (Mares do Sul, 1998).